



Artilheiros e Infantes

Do curso de Artilharia da E. E. M.

O jornal parisiense "Le Temps", vem transmitindo em suas colunas, sob o título "As operações militares", uma série de notícias bastante interessante sôbre os assuntos mais palpitantes que se vêm verificando na atual conflagração em que se envolve a velha Europa.

O número de 14 de Fevereiro último encerra uma questão muito debatida na grande guerra de 1914/1918 que agitou o mundo militar e que ofereceu ensejo para que o General Percin escrevesse o seu célebre livro intitulado "Le Massacre de Notre Infanterie".

Quais as causas dos tiros curtos da Artilharia ?

E' sôbre êste têma que o crítico militar daquele jornal bórda os comentarios abaixo, procurando, certamente esclarecer as razões que concorrem para que ainda perdurem os perigos para os infantes em face dos tiros da própria artilharia amiga.

Consequencias das informações trazidas ao interior pelos licenciados da frente de batalha, que regressam a seus lares narrando, entre outras impressões que revelam o seu ardor e o seu excelente moral, certas novidades em que não escondem os periodos de apreensões e de amarguras por que passaram.

As razões da irregularidade apontada, de consequências, às vezes, tão lamentaveis, são numerosas e se relacionam, exclusivamente, com a Artilharia Divisionaria, 75, 105 C, 155 C, únicos calibres encarregados normalmente, na França, de atirar à pequena distância à frente da infantaria em proveito da qual atuam.

Colocando-as por ordem de gravidade, diz o crítico de "Le Temps", chega-se, mais ou menos, à seguinte classificação:

1.º) — O tiro é feito pela carta e não observado —

E' sabido que a técnica do tiro evoluiu consideravelmente, durante e após a grande guerra, tendo mesmo alcançado a enormes progressos.

Com o auxílio de suas tabélas de tiro e a introdução de multiplas correções, o artilheiro consegue hoje arremessar seus projetis, sem regulação alguma, nas proximidades de um objetivo precisamente definido. Os erros cometidos são muito ráros. Mas se algum existir, por muito pequeno que seja — cometido em função da designação do objetivo ou das numerosas operações da preparação teorica do tiro — os projetis não alcançam os objetivos visados e se um observador não vê onde êles cáem as consequências dessa negligencia, pôdem ser desastrosas para a infantaria.

E' verdade que em certas circunstancias — num ataque de surpresa, por exemplo — a abertura de fogo das baterias se efetúa sem que se tenha podido realizar qualquer regulação prévia.

Assim, é preciso também que existam observadores que vejam cair os tiros, para discernir as irregularidades e perceber os sináis da infantaria.

2.º) — Um observador se engana de objetivo

Será por exemplo, o caso de um observador recém-chegado e ainda não habituado no setôr de observação e que observando de muito longe, toma por uma trincheira inimiga um elemento da primeira linha amiga.

Um tal erro, deve, aliás, ser prontamente corrigido, porquanto a infantaria atingida ou inquietada, assinalará imediatamente o perigo utilizando os foguetes ou outros processos especiais de sinalização.

3.º) — Uma bateria atira, sem as suficientes e necessárias precauções, numa zona de ação vizinha.

O tiro obliquo ou de escarpa, feito pela artilharia diante de uma unidade vizinha, pôde, em certos casos, apresentar uma grande eficácia. No entanto, a sua execução é geralmente delicada e perigosa, sobretudo num dia de ataque, por-

que quem atira não sabe bem onde se encontra a primeira linha amiga no visinho, com o qual não está inteiramente ligado.

4.º) — O objetivo está situado muito próximo da primeira linha amiga.

Poderá acontecer que a própria infantaria, desejosa de ver desaparecer um ninho de metralhadora inimiga que a prejudica, pede à artilharia para batê-lo, quando êste se encontra a uma fraca distancia (*) da primeira linha.

Se o artilheiro é um espírito disciplinado e intransigente cumpridor do regulamento, mas pouco hábil, recusa imediatamente atender ao pedido do infante e não atira sôbre o objetivo, como medida de segurança à própria infantaria.

Se, ao contrário, é sensível e complacente mas imprudente, êle dirige o seu tiro sôbre o objetivo que lhe foi indicado e então a maldita dispersão intervindo, faz com que cáiam tiros sôbre ou muito proximos dos elementos mais avançados.

Se, enfim, êle é tão bom camarada do infante como perspicaz, atira um pouco — mas certamente — longe, de maneira a, tirando partido da própria dispersão, obter alguns tiros à altura do objetivo. Serão os chamados tiros felizes.

5.º) — Erro de comando ou transmissão errada, pelo telefone, de uma ordem de tiro.

Tais erros, conquanto mui raros, pôdem se produzir.

O pessoal das baterias acompanha os tiros, através dos comandos, e se apercebe quasi sempre da anormalidade que possa apresentar uma ordem recebida pelo telefone, pedindo então confirmação.

6.º) — Falta cometida no serviço de uma peça

E' também um acidente muito pouco frequente.

Os apontadores possuem, geralmente, reflexos perfeitamente exercitados e permanecem sempre muito atentos.

(*) Menor que a margem de segurança, conforme o material considerado.

De início, no entanto, sob a influência de fatores estranhos, poderão ser conduzidos a cometer erros e, às vezes, graves.

7.º) — Os artilheiros não dispuseram do tempo necessário para ajustar os seus tiros.

E' o que acontece às vezes, no dia seguinte a um ataque, quando o combate tendo se prolongado até tarde na vespera, e a ação devendo prosseguir ao clarear do dia, a infantaria não poudé dar a conhecer, com o tempo suficiente, a sua verdadeira situação e o artilheiro, por seu lado, não teve o tempo material para ajustar os seus tiros.

Evidentemente, em tais condições, deve-se temer os incidentes.

Para evitá-los, competirá ao Comando interromper o combate com o tempo necessário para permitir aos combatentes de todas as armas tomar todas as suas disposições para o ataque do dia seguinte.

Aí está uma lista bastante grande e que poderia impressionar aos interessados — os infantes que vivem debaixo das trajetórias. Na realidade, porém, não ha nenhuma das irregularidades citadas que não possa ser afastada pela vigilância, a prudência e o cuidado constante de explorar todos os observatórios oferecidos pelo terreno.

Houve mesmo, uma época, na grande guerra, em que tais incidentes haviam quasi totalmente desaparecido. Foi no verão de 1918, durante o qual, em consequência de desastres anteriores, os ataques eram desencadeados numa atmosfera de absoluto entendimento entre infantes e artilheiros. A ligação era, então, íntima e permanente. Uma confiança recíproca, e sem limites, animava os combatentes das duas armas, estreitamente associados na luta.

A artilharia era sempre mantida ao corrente da situação e das necessidades da infantaria, a mínima dificuldade era ao mesmo tempo assinalada e resolvida.

Só muito raramente ouvia-se por essa ocasião, o inquietante apelo "**A Artilharia atira curto**".

Para obviar muitos dos inconvenientes acima apontados, máo grado a existência do morteiro, não seria o caso do ressurgimento do pequeno canhão da infantaria pouco vulnerável — manobrado pelo próprio infante mas, agora, montado em pequena viatura, de preferência automotriz sôbre lagarta

-- particularmente apto a acompanhar o combate da infantaria ?

Quer parecer que um tal material supriria com grande vantagem — apesar das dificuldades creadas para o remuniamento — as falhas do material de apôio dirêto, normalmente desdobrado muito à retaguarda da primeira linha e, por conseguinte, exigindo o estabelecimento de ligações muito intimas entre Artilharia (posições-observatorios) — Infantaria, de execução bastante delicada.

Ressalta, ainda, de tudo o que foi exposto, a imperiosa necessidade de uma instrução rigorosa dos observadores, do pessoal de ligação e, sobretudo, dos apontadores das peças, de maneira a, por uma preparação cuidadosa, procurar-se, desde o tempo de paz, crear os necessários reflexos.

Trata-se, pois, de uma simples advertencia, principalmente para os nossos Comandantes de baterias.